

# Recordações familiares de uma revolução paulista que afetou a Bahia

Armando Alexandre dos Santos <sup>a</sup>

**Resumo:** O início da Primeira República brasileira foi marcado pela instabilidade política e pela alternância de poder, entre políticos de Minas Gerais e São Paulo. Em 1924, um movimento revolucionário foi deflagrado na capital paulista, objetivando pautas nacionais. O presente artigo se debruça sobre uma experiência familiar paulista, um estudo de caso no qual seus integrantes se discorrem uma narrativa sobre a experiência da guerra.

**Palavras-chave:** Memória, Revolução de 1924.

Gostaria de registrar aqui algumas recordações familiares, acerca da Revolução de 1924, utilizando como fonte principal o depoimento oral de meus tios Augusto José Guerra (1901-1980) e sua esposa Rosa Alexandre Guerra (1903-1993), muitas vezes ouvido deles na minha infância. Ambos vivenciaram de modo intenso a Revolução de 1924, porque viviam nos bairros vizinhos do Brás e do Pari, muito próximos da região central da cidade de São Paulo, que durante três semanas esteve dominada pelos revoltosos e foi objeto

de violentos bombardeios por parte das tropas legalistas.

Meu tio Augusto comerciava com joias e minha tia Rosa, professora de primeiras letras, dirigia uma escolinha no bairro do Pari, em companhia de sua irmã Joanna Alexandre dos Santos Martins (+ 1949). Meus tios residiam a uma distância de cerca de 2 km do Palácio dos Campos Elísios, sede do Governo que foi cercada pelos revoltosos. O Presidente do Estado de São Paulo, Carlos de Campos, e vários secretários de seu Governo fugiram por um túnel secreto que

---

<sup>a</sup> Professor, associado correspondente do IGHMB.



dava para uma residência próxima e conseguiram se deslocar, discretamente, para Guaiaúna, estação ferroviária que, na época, se situava nos arredores de São Paulo, e hoje se situa na região Leste do município, a cerca de 7 km do centro da cidade..

De Guaiaúna o governo dirigiu a resistência contra o movimento revolucionário, que era chefiado pelo General Isidoro Dias Lopes e do qual participaram, entre outros, os jovens tenentes Juarez Távora, Miguel Costa e Eduardo Gomes. Os revoltosos dominaram a região central da cidade desde o dia 5 até o dia 28 de julho, mas, devido à falta de apoio que esperavam de outras regiões do País, desistiram de prosseguir a luta na capital e se retiraram para o interior do Estado com suas tropas, dando início à longa marcha que ficou conhecida como a Coluna Prestes. Certos bairros como Brás, Mooca, Belenzinho, Cambuci e Perdizes foram muito atingidos durante essas três semanas.

Os episódios da Revolução foram dramáticos para minha família,

que residia próxima ao “olho-do-furacão”. Minha mãe, Layr Alexandre dos Santos (1922-2003), era menina de colo, tinha apenas dois anos quando eclodiu a revolta. As fábricas do complexo industrial Matarazzo, situadas perto de nossa casa, foram saqueadas por populares, assim como numerosas casas de comércio também situadas nas proximidades.

Meus tios contavam que, logo no início do conflito, passaram pela frente de nossa casa alguns populares que haviam saqueado uma importadora de bebidas e estavam arrastando um barril de vinho, que haviam roubado e tentavam levar para suas casas. Cansados pelo esforço, desistiram de continuar arrastando o produto do seu roubo e pediram ao meu avô que guardasse o barril para eles, no porão de nossa casa, e eles depois retornariam para levá-lo. Naquele contexto de violência, meu avô achou melhor não recusar e guardou o barril. Nunca mais reapareceram os ladrões. Meu avô não tinha como saber quem era o legítimo proprietário, para fazer a devolução regu-



lar, e não quis dar parte na Polícia, com medo de ser acusado de ser ele o saqueador e acabar pagando crime alheio... Terminada a revolução, houve alguma repressão e o barril continuou escondido, na minha casa, por longo tempo, sem

lente vinho tinto português. Durante meses, regou generosamente os almoços domingueiros da família Alexandre... Não justifico o roubo, obviamente, apenas o registro como pequeno episódio colateral, conservado nas memórias de uma

Fig. 1 – Área urbana de São Paulo bombardeada durante a Revolução de 1924



Fonte: Pinterest

que meu avô se decidisse a tomar alguma atitude. Até que por fim, depois de muitas hesitações e explicáveis escrúpulos de consciência, resolveram abri-lo e saboreá-lo, antes que se estragasse. Não havia outra solução... Era um exce-

família modesta, à margem de um acontecimento que, na época, teve grande alcance nacional.

Minha família estava decidida a permanecer em casa, apesar dos tiroteios e dos bombardeios, porque se julgava protegida pelas



grossas paredes da residência, que havia sido construída pessoalmente pelo meu bisavô Antonio Francisco de Andrade (+ 1921), tendo como auxiliar de construção minha bisavó Joanna Júlia de França (+ 1928). Era uma casa simples e muito sólida, na qual residi até os meus 18 anos de idade. Mas, certo dia, explodiu uma granada bem perto dessa casa. Um fragmento caiu no nosso quintal, junto à porta da cozinha. Esse fragmento foi conservado durante décadas, na cristaleira da sala, e quando menino muitas vezes brinquei com aquela relíquia de outros tempos.

Minha família compreendeu, então, que não havia segurança, e resolveu procurar local mais garantido. Os parentes eram muito numerosos. Meu avô Antônio José Alexandre (1869-1935) e minha avó Maria Julia de França Andrade Alexandre (1880-1970) tiveram 19 filhos, sendo minha mãe a 18ª.

A família, então, refugiou-se numa propriedade rural nas imediações de São Paulo, onde hoje se situam os bairros de Jaçanã e do Tucuruvi. Era uma região monta-

nhosa, cheia de chácaras e sítios, e ali conseguiram encontrar um proprietário que lhes alugou uma casa de campo, para se abrigarem pelo tempo que fosse necessário. A retirada do Brás, no meio do tiroteio, foi dramática, segundo contava minha tia Rosa. Ela era recém-casada e ia montada no lombo de um burrico, levando no colo dois irmãozinhos pequenos: minha mãe, que tinha dois anos, e meu tio Sylvio (1924-2000), então recém-nascido. Era o 19º e último filho do casal.

Na mesma “caravana” também foi, menina de 4 anos de idade, minha tia Wanda Alexandre Garcia, nascida em 1920 e falecida aos 100 anos de idade, em novembro de 2020. Foi a mais longeva dos 19 irmãos.

Todos esses acontecimentos eram contados com emoção e realismo a nós, nascidos muito depois. Eles entretiveram nossa infância, num tempo em que se conversava muito e se ouvia com atenção os relatos dos mais velhos.

Algumas semanas depois, puderam os meus retornar a casa. A



residência estava, felizmente, fechada, inteiramente conservada, sem marcas de tiros nem sinais de saque. Muitas casas próximas da nossa não tiveram a mesma sorte.

Fig. 2 – General Isidoro Dias Lopes, líder da Revolução de 1924



Fonte: CPDOC/FGV

Curiosamente, uma revolução que abalou tanto a população paulistana, não recebe, na historiografia geral do Brasil, grande destaque. Há mesmo que a chame de “a Revolução esquecida”. Já tenho visto listagens de movimentos insurrecionais ocorridos na Primeira República, que relacionam dezenas de greves sem maior importância,

mas omitem completamente a intenção de Isidoro.

Ainda a propósito da revolução de 1924, gostaria de registrar que o Brasil estava sendo visitado, na ocasião, pelo jovem Príncipe do Piemonte, o herdeiro da coroa da Itália. Era uma viagem promovida pelo governo fascista de Benito Mussolini, com evidentes intuítos propagandísticos, às colônias italianas da Argentina e do Brasil. O Príncipe, que depois se revelou muito crítico do fascismo e se afastou da política pró-Mussolini de seu pai, não pôde vir, como pretendia, a São Paulo, o maior foco de concentração dos imigrantes italianos, justamente porque na cidade estava ocorrendo a revolução de Isidoro Dias Lopes. O governo Federal também preferiu não acolher o visitante no Rio de Janeiro, porque julgou que, naquelas circunstâncias, não haveria segurança suficiente, mas pediu ao Governo da Bahia que fizesse as honras da casa. De fato, o visitante foi recebido com sua comitiva pelo Governo baiano, em representação do Governo Federal, com toda a pom-



pa e circunstância. Ver, a esse respeito, *A visita de Humberto de Saboia, Príncipe do Piemonte, à Bahia, em 1924*, artigo do Prof. Dr. Edivaldo Machado Boaventura, publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (n. 466, pp. 11-272, jan./mar. 2015). Na época, a visita do príncipe italiano se revestiu de grande importância política e diplomática e marcou profundamente a sociedade baiana. Foi esse um reflexo simpático e brilhante da dramática e distante revolução paulista.

Comentário final: preferi, por uma opção metodológica, limitar-me estritamente, na redação deste artigo, à memória oral, conservada em minha família. Não quis consultar bibliografia sobre o movimento de 1924, que deixou, no final, um saldo de aproximadamente 500 mortos, sem falar em feridos e desabrigados.

Apenas para constar, porém, registro que há muitas referências à revolta de 1924 em obras memorialísticas, como, por exemplo, na de Juarez Távora (*Uma vida e muitas lutas – Memórias*, em dois volumes

– Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1974 e 1977), nas de Aureliano Leite (*Dias de pavor – Pessoas e Cenas da Revolução de 1924*. São Paulo: Editora Rochéa, 1925; e *Páginas de uma longa vida*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.), na de José Carlos de Macedo Soares (*A Revolta Militar em São Paulo*. Paris: Imprimerie Paul Dupont, 1925) e na de Paulo Alfeu Junqueira Duarte (*Agora nós! Chronica da Revolução Paulista*. São Paulo: Editora S. Paulo, 1927). Estudo acadêmico mais completo sobre o movimento de 1924, somente conheço um, de autoria da Profa. Anna Maria Martínez Corrêa (*A Revolução de 1924 em São Paulo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1976).